

**OS DIVERSOS SENTIDOS DO VERBO "TOMAR":
UMA QUESTÃO DE PISTAS E CENAS PARTILHADAS¹****THE DIFFERENT MEANINGS OF THE VERB "TO TAKE":
A MATTER OF SKIING AND SHARED SCENES**Bougleux Bomjardim da Silva CARMO²

RESUMO: Este estudo tem por objetivo explicar alguns dos fenômenos cognitivos que atingem o signo linguístico "tomar" e cooperam para variabilidade de seus sentidos. Tal abordagem ancora-se nos pressupostos da Hipótese Sóciocognitiva da Linguagem, nos termos de Salomão (1997) e Miranda (2001), a partir de duas premissas basilares, quais sejam: o princípio da insuficiência do significante linguístico e o princípio do partilhamento das ações da linguagem, bem como no sistema conceptual metafórico (LAKOFF; JOHNSON, 2002) como suporte explicativo e descritivo. A partir desses recortes, realizamos uma breve revisão teórica acerca dos estudos que utilizam o verbo "tomar" como objeto de estudo e, por meio da reflexão teórico-analítica, descrevendo-o sintática e semanticamente, bem como sua função de verbo-suporte (NEVES, 2000; SILVA, 2009; PANTE, 2012). Nessa discussão, destaca-se o papel da polissemia e da metáfora conceptual na constituição dos sentidos e a função desta última na ordenação de categorias linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Signo linguístico. Verbo tomar. Polissemia. Metáfora conceptual.

ABSTRACT: This study aims to explain some of the cognitive process that affects the linguistic sign "to take" and cooperate to variability of their meanings. Our explanatory and descriptive support is founded in the Sociocognitive Language Hypothesis, by Salomão (1997) and Miranda (2001) and their two basic premises, called: the principle of the insufficient linguistic significant and the principle of sharing of the language's actions. So, we used the metaphorical conceptual system (LAKOFF; JOHNSON, 2002). From these elements, we realize a brief theoretical revisitation about researches that using the verb "to take" as an object of study. Also, we describe the verb "to take" syntactically, semantically and his support-verb functions, through critical and analytical reflection (NEVES, 2000; SILVA, 2009; PANTE, 2012). Finally, we detach the importance of the polysemy and conceptual metaphor in the constitution of the meanings and the metaphor functions in the ordering of linguistic categories.

KEYWORDS: Sign language. Verb "to take". Polysemy. Conceptual Metaphor.

1. Este trabalho constitui-se em uma apresentação e atualização dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras, defendido em 2009, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus X, com apoio da Capes e orientado pela Prof.^a Dr.^a Crysna Bonjardim da Silva Carmo - UNEB.

2. Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras / Profletras da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Identidade e Ensino, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Docente colaborador na Especialização em Linguística Aplicada da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus X, de Teixeira de Freitas - bougleuxcpmatnre7@gmail.com.

Introdução

Empreender a análise dos componentes da linguagem pressupõe não somente sondar elementos de uma estrutura desencarnada ou compreender a significação como um simples reflexo da realidade. Considerando não somente a capacidade da linguagem verbal de nomear coisas e cenas do mundo, mas também de constituir-se em um sistema sógnico complexo, capaz de interpretar, reinterpretar e recriar códigos. Essas considerações nos levam a uma compreensão da relação da linguagem com o mundo no viés da mediação cognitiva, em outros termos, o significado nem é reflexo do mundo, nem uma operação mental desvinculada deste (FERRARI, 2011).

Nessa concepção, cada palavra é uma pista para os significados, como sinais que orientam a construção de sentidos. Fauconnier (1997) nos diz que a linguagem visível é em si mesma como um *iceberg*, ou seja, há uma construção de significados que operam invisivelmente enquanto pensamos e falamos. Portanto, com essa metáfora, podemos começar a compreender que o signo “tomar” é apenas a ponta de um amplo espectro de possibilidades de construção de sentidos. Trata-se, portanto, como quer o referido autor, de se buscar estruturas cognitivas e princípios de organização que não são apreendidas diretamente.

Dados esses pressupostos, o presente artigo tem por objetivo discutir a variabilidade de sentidos que o verbo tomar consegue alcançar. Pode-se afirmar que esse verbo é bastante produtivo e “elástico” no português brasileiro. Sob essa ótica, a relação entre semântica e pragmática não se constitui numa dicotomia, mas numa interação de influências, uma vez que “o conhecimento linguístico não pode ser adequadamente separado do conhecimento de mundo, o conhecimento semântico não pode ser separado, de forma rígida, do conhecimento pragmático” (FERRARI, 2011, p. 17). Igualmente, Pante (2012) afirma que o verbo em foco é produtivo desde o período arcaico da língua. Dessa maneira, se o uso leva à inovação, como explicar sequências como “tomar leite”, “tomar táxi”, “tomar juízo”, dentre outras? De que forma, num dado contexto acessa-se determinado sentido conveniente? Sendo assim, para discutirmos essas indagações, o presente estudo se desenvolve com a seguinte planificação:

Na primeira seção, apresentamos o conceito de signo, fundamental na configuração do mundo humano, traçando, no entanto, apenas um breve panorama de como tal conceito foi construído. Igualmente, destacamos os princípios da Hipótese Sóciocognitiva da linguagem que ancoram nossos parâmetros de descrição e análise.

Num segundo momento, elencamos a polissemia e a metáfora, dentre os vários fenômenos que atingem os signos, tendo em vista que os estudos da Linguística Cognitiva redefiniram esses dois fenômenos como “instrumentos” que marcam o funcionamento da linguagem e da cognição humana. Para fins de nossa análise, os estudos de Lakoff e Johnson (2002), configuram-se como marco teórico.

Na última etapa, nos detemos na análise do verbo tomar procurando responder em como um signo pode alcançar tantos sentidos e como um falante acessa-os adequadamente, conforme o contexto. Nesta seção, tentamos oferecer uma resposta, que se esquia das perspectivas tradicionais, a partir do redimensionamento da polissemia como característica da linguagem e da metáfora conceptual como ordenadora de nossas cenas interativas, cenários de construção de nossas vivências, quer sejam concretas ou projetadas por nossa imaginação.

Dessa forma, esse trabalho se ancora nos princípios da Linguística Cognitiva, ramo que concebe o significado como uma forma de categorizar ou recategorizar o mundo, mediado pela cognição. Nessa concepção, imbricam-se estruturas cognitivas e socioculturais que são espaço e elementos de interação (FERRARI, 2011). Esse redimensionamento teórico pode oferecer respostas que complementam a visão tradicional dos signos linguísticos.

Signos: uma invenção humana

Todas as espécies têm sua forma peculiar de comunicação. No entanto, o caráter inovador ou a capacidade de inovação da comunicação humana é sua idiosincrasia. Em outras palavras, “uma das características principais do uso da linguagem é sua criatividade, sua liberdade de não ser controlada na base de atividades linguísticas prévias do falante” (LANGACKER, 1972, p. 29). De fato, a rigor, a fala humana não se efetiva pela repetição de frases feitas ou de um acervo limitado de sentenças. Segundo o referido autor, somos marcados pela espontaneidade linguística.

Todavia, nossa relação com o mundo e com os outros nem sempre se dá de forma direta, mas via pistas que nos orientam nesse mundo e em nossas relações languageiras. Trata-se dos signos. Segundo Pierce (2003, p. 168) “dinâmico que, pela natureza das coisas, o signo não pode exprimir, que ele pode apenas indicar, deixando ao interprete a tarefa de descobri-lo por experiência”. É por meio dele que buscamos uma significação. Mais ainda:

Qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu objeto), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum* [...] um signo é um ícone, um índice ou um símbolo. Um ícone é um signo que possuiria o caráter que o torna significante, mesmo que seu objeto não existisse. Um índice é um signo que de repente perderia seu caráter que o torna um signo se seu objeto fosse removido, mas que não perderia esse caráter se não houvesse interpretante [...] um símbolo é um signo que perderia o caráter que o torna um signo se não houvesse um interpretante (PIERCE, 2003, p. 74).

Esse fator se deve ao fato de que a espécie humana conseguiu desenvolver códigos complexos, capazes não somente de responder a cenas comuns, mas de explicar e interpretar situações, avançando na evolução, saltando ao estado cultural permanente. No arcabouço da semiótica, a relação que travamos o mundo perpassa pelos níveis representacionais da primeiridade, secundidade e terceiridade, pela qual os signos se tornam pontes para chegarmos ao sentido (SANTAELLA, 2006).

Tanto a Linguística quanto a Semiótica são áreas que buscam respostas para compreender a convencionalidade do signo, “a língua é feita de signos estruturados de acordo com regras supra individuais, funciona mediante relações sincrônicas como um sistema de valores puros” (ARAÚJO, 2004, p. 31). No entanto, há diversas classificações, conforme a linha teórica que as ancora. Para nosso trabalho adotamos o delineamento de Schaff apud Fiorin (2005) ao apontar que os signos podem ser naturais ou artificiais, sendo estes últimos que criamos com fins a comunicação, num acordo social, podendo ser verbais ou com expressão derivativa (sinais, símbolos, etc.).

Retomando a perspectiva semiótica de Pierce (cf. SANTAELLA, 2006), o mundo é um caleidoscópio de linguagens, portanto, dentre as quais a verbal tem status privilegiado. Para Pierce o signo é uma “entidade” que cumpre uma função ou uma relação atuando no plano da expressão, do conteúdo e na relação com o interpretante. Na semiótica pierciana o signo o signo é, portanto, tricotômico, como nos explica Santaella (2006, p. 69) acerca dessa relação tripartida:

Como matrizes abstratas, que definem campos gerais e elementares que raramente serão encontrados em estado puro nas linguagens que estão por aí e aqui, conosco, e em uso. Na produção dos signos, estes se apresentam amalgamados, misturados e interconectados.

No campo da Linguística Estruturalista, Saussure (1969) recorta o signo linguístico em significante e significado. Sendo inaugurador da Linguística como ciência tendo a língua como objeto de estudo. O Estruturalismo saussuriano postula a língua como um sistema formal, constituído por valores diferenciais. O signo é convencional, arbitrário, combina-se em regras formando um sistema formal que não está pronto em nosso cérebro, mas é aprendido (SANTAELLA, 2006, p. 77-78). Nos termos de Saussure (1969), a dicotomia sígnica o coloca como uma unidade psico-fisiológica, constituída pela união do conceito com a imagem acústica, acessada pelos indivíduos que tenham conhecimento do que a palavra está associada.

Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total que fazem parte. Quanto ao signo, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro. (SAUSSURE, 1969, p. 81).

Fiorin (2005), apropriando-se do pensamento de Hjelmslev, mostra como este realizou uma ampliação do conceito saussuriano de valor por meio da união do plano de conteúdo a um plano de expressão. Nessa abordagem, conteúdo e expressão em planos, como substância. Por meio de regras combinatórias e de diferenças fônicas teria-se a forma da expressão. Dicotomicamente, a forma do conteúdo diz respeito às questões semânticas e, por meio dos sons, tem-se a substância da expressão. Já os conceitos seriam a substância do conteúdo.

Nessa perspectiva, a linguagem articulada não é a única e não se pode falar em imagem acústica quando se observa outros sistemas de signos, nesse caso o conceito de significante é redefinido, alcançando qualquer tipo de linguagem, pois seu papel é servir de veículo para o significado, o que se deseja quando usamos os signos – sua parte inteligível. Em suma, é no ato de linguagem que se opera a união entre essas substâncias, conteúdo e expressão, como resultado de uma operação semiótica. Para Charaudeau (2008) é nesse ato de linguagem que os signos encontram sua função, na manifestação languageira, sob o viés da intertextualidade que depende das circunstâncias de discurso, em outras palavras, a significação não está inscrita no signo, mas no contexto discursivo, no ato criador da linguagem cotidiana. Finalmente, sendo signo, não existe por si mesmo, mas pela sua funcionalidade, posto que os diferentes usos e as regularidades desse uso propiciam a sedimentação dos sentidos.

Apesar de essas abordagens fundamentarem o estudo da natureza do signo, nenhuma delas explica a capacidade que alguns signos têm de adentrar em tantas “cenas” ou mesmo estender sua amplitude a exemplo de ocorrências do tipo:

Tomei sua mão em minha mão. Vamos ao bar tomar umas cervejas! É covardia tomar pirulito de criança. Este projeto vai tomar muito mais tempo do que o planejado. Preciso sair agora para tomar o trem das oito. Chegamos numa encruzilhada e tomamos a direita. Estou tomando lições de inglês e francês para o exame de diplomacia. O médico tomou o pulso do paciente. Ele tomou a decisão acertada. Tomar a peito tomar ar: tomar ares: tomar corpo: encorpar. Tomar ferro tomar fôlego. Tomar forma: delinear. Tomar parte: participar. Tomar tenência: tomar termo. Tomar um banho. Tomar um chá de cadeira. Tomar uma decisão³:

Diante dessa multiplicidade de ocorrências e cenas, como explicar a capacidade do signo “tomar” de “estar” dentro de cada uma delas? Na seção seguinte tratamos do quadro teórico da Linguística Cognitiva que ancora esse estudo. Do ponto de vista da cognição “é a concepção do signo linguístico, como vetor bipolar indissociável (pelo menos em sua expressão prototípica), pareando forma e condições de construção de sentido, que são sempre pragmático-semânticos” (SALOMÃO, 2009).

Sob essa perspectiva, alguns dos princípios desse campo de estudo nos dão as condições para a compreensão dos usos do verbo em foco.

A Hipótese Sóciocognitiva da Linguagem

A Hipótese sóciocognitiva da linguagem trata-se de um campo de investigação, na qual a cognição tem caráter social, que propicia a atividade interpretativa e a construção da identidade do sujeito e o partilhamento semiótico (MIRANDA, 2001). Concerne ainda em pensar na significação sem idealizações, mas sim nas suas nuances cognitiva, linguística e social, em outras palavras, investigar a intersubjetividade e a perspectivização:

Como subjetividade entende-se a propriedade dos símbolos linguísticos de serem socialmente partilhados de modo a guiarem as inferências sobre as intenções comunicativas do interlocutor. A linguagem também possui a propriedade de nos permitir focali-

3. Exemplos das cenas com verbo tomar. Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/tomar>> Acesso em 25 set. 2016.

zar ou perspectivizar o mesmo fenômeno sobre diferentes ângulos, dependendo dos objetivos comunicativos e de outros fatores do contexto comunicativo. (MIRANDA, 2001, p. 60).

A cognição passa a mediar as interações culturais e linguísticas na construção representacional do mundo. A partir desses pressupostos, seguem os princípios basilares da teoria: (i) o princípio do partilhamento das ações de linguagem, pelo qual no contexto de uso, o signo guia o processo de significação e (ii) o princípio da escassez da forma linguística, que se refere ao fato de tomar o significante “como instrução, como pista suscitadora das tarefas semântico-cognitivo-sociais da linguagem” (MIRANDA, 2001, p. 61). Esse princípio tem relação com a metáfora fauconniana do iceberg para o tratamento da relação significante-significado, tal como mencionamos na introdução do presente texto. Assim, “as pistas linguísticas oferecidas pela enunciação do sujeito desencadeiam complexos processos de inferenciação (conceptual, pragmática, figurativa), gerativos das representações evocáveis” (SALOMÃO, 1997, p. 25).

Esse escopo teórico alia linguagem, cognição e uso para a investigação linguística: um representacionismo praticado (MIRANDA, 2001). Sob essa ótica, “buscam-se ferramentas capazes de desvelar as intrincadas relações entre cognição, linguagem e realidade social na produção da significação” (op. cit., p. 79). Entende-se ainda que o processo de comunicação é cooperativo, na qual ambos os interlocutores participam ativamente do processo de partilhamento e construção dos sentidos (SALOMÃO, 1997).

Tendo exposto, sucintamente, a moldura do marco teórico que nos ancora, na próxima seção trataremos de dois fenômenos que atingem os signos modificando seu comportamento e a relação entre significante e significado, a saber, a polissemia e a metáfora conceptual.

Fenômenos Modificadores dos Sentidos

Nesta seção apresentamos dois fenômenos que atingem e modificam os sentidos dos signos. Em outros termos, discutimos alguns recursos de que o falante dispõe para efetuar tais operações. Além da polissemia e da metáfora, há outros, tais como a ambiguidade, a sinonímia, a homonímia. Todavia, os estudos cognitivistas apresentam novos parâmetros e conceitos para a polissemia e metáfora, daí nosso recorte reportar-se a essas operações.

Em primeiro lugar, tratemos da polissemia. Etimologicamente – do grego *poli*, que significa muitos e *sema*, que significa significado – é o fato pelo qual uma palavra alcança vários significados. Para Ferrarezi Jr. (2008) o sinal (signo) passa a ter diversos sentidos, de acordo o contexto e cenário cultural em que se insere. Para o referido autor, a polissemia se define nos seguintes termos:

Essa multiplicidade de sentidos de um sinal é um recurso importante de economia para as línguas naturais, pois permite multiplicar os textos com o uso de um mesmo e menor conjunto de sinais do que seria necessário se cada sinal tivesse um e apenas um sentido. (FERRAREZI JR., 2008, p. 165).

É um processo de linguagem que garante a criatividade na língua pela intervenção de diferentes processos na produção, permitindo o deslocamento das regras, resultando em movimentos que afetam o sujeito e os sentidos na sua relação com a história e com a própria língua. A polissemia exerce papel fundamental posto que “a linguagem humana é naturalmente polissêmica, porque o signo tendo caráter arbitrário, não tem valor fixo, realizando-se na fala por associações” (BORBA, 1998, p. 234). Portanto, nos termos de Perini (2000) tem-se por configuração:

A polissemia é uma propriedade fundamental das línguas humanas, que sem ela não poderiam funcionar eficientemente. (...) confere às línguas humanas a flexibilidade de que elas precisam para exprimir todos os inumeráveis aspectos da realidade. Consequentemente, a maioria das palavras é polissêmica (...) (PERINI, 2000, p. 252).

Segundo o referido autor, poucas são as palavras não polissêmicas e em alguns discursos, como o científico, o fenômeno da polissemia é inconveniente. Tendo em vista que se procura um caráter semântico unívoco. Em contrapartida, no uso cotidiano, esse fenômeno é indispensável. Ainda nesse sentido, tanto Borba (1998) quanto Ferrarezi Jr. (2008) ratificam que a partir do significado básico, o uso contextual propicia novas associações que vão incorporando ao signo, agregando novas possibilidades de significado. Finalmente, pode-se concluir que uma palavra/signo para ser polissêmico precisa ter algo que ligue, mesmo que de forma subjacente, as possibilidades de seus sentidos, o contexto e o cenário cultural exercem influência determinante nesse processo, estabelecendo, muitas vezes, um sentido mais habitual e costumaz.

Em relação ao segundo fenômeno, têm a metáfora. Palavra derivada do grego “meta” (além) mais *phorein* (transportar de um lugar para outro). Na acepção tradicional, tem a conotação de transportar o sentido literal de uma palavra ou frase, dando-lhe um sentido figurado. Podemos então defini-la como uma transferência de significado por analogia: dois conceitos são relacionados por apresentarem, na concepção do falante, algum ponto em comum, com isso instaura-se a polissemia, para que se realize a mudança, variação e continuidade.

Entretanto, Lakoff e Johnson (2002) rompem o paradigma aristotélico tradicional e objetivista da metáfora. De simples figura de linguagem, a metáfora passa a ter função cognitiva. Por conseguinte, esses autores postularam que a nossa linguagem revela um imenso sistema conceptual metafórico que rege também nosso pensamento e nossa ação. Nessa nova visão, a metáfora passa a ter um valor cognitivo, como operação fundamental no processamento de nosso pensamento, estruturando categorias. As fronteiras entre a dicotomia literal e metafórica são diminuídas: linguagem cotidiana e linguagem literária.

Se pensarmos com Langacker (1972) na relação linguagem e pensamento, é possível discutir o papel da metáfora no sentido de amalgamar uma determinada ideia, um conceito difícil de exprimir direta e objetivamente e, nesse processo, a metáfora opera um encaixamento no signo, de forma auxiliá-la a reter o operar o significado esperado. Nessa perspectiva, o conhecimento pragmático é determinante para a construção da significação, uma vez que cada língua estabelece uma categorização específica que interfere na forma de pensar, ainda que minimamente:

Nosso pensamento é, pois, condicionado pela categorização linguística da experiência, de modo que é mais fácil operar com conceitos codificados por uma só palavra do que com conceitos para os quais não há palavra especial disponível. (LANGACKER, 1972, p. 48)

Lakoff e Johnson (2002) mostram que compreendemos o mundo por meio das metáforas, pois muitos conceitos básicos como tempo, quantidade, estado, ação etc., além de conceitos emocionais, como amor e raiva, são compreendidos metaforicamente. Dessa forma, o falante acessa determinados significados num dado contexto a partir de operações metafóricas. Para Ferrarezi Jr. (2008), além do aspecto cognitivo, a visão de mundo de uma comunidade linguística, as representações diversas, efeitos estéticos, em suma, os elementos culturais, também participam do cruzamento de características de referentes, colaborando para nossa compreensão do mundo, uma vez que “a pos-

sibilidade da metáfora e os efeitos que essa metáfora produz dizem respeito a nossa formação cultural” (FERRAREZI JR., 2008, p. 203).

Os Diversos Sentidos do Verbo Tomar

A partir dos pressupostos abordados na seção anterior, pode-se oferecer respostas para o fato do signo/palavras “tomar” alcançar sentidos tão variados e em como o sujeito falante consegue acessar determinado sentido conforme cada contexto ou cada cena verbal-interativa. Para melhor entendermos esses dois fatos importa brevemente descrevermos alguns aspectos do item em estudo.

Do ponto de vista funcional o verbo tomar pode ser caracterizado como verbo-suporte. Os matizes funcionais são muito variados, propiciando uma gama de construções possíveis. Para os fins de nosso trabalho tomemos pontos abordados por Neves (2000, p. 55) de que “a indicação básica é, prototipicamente, que os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante”. Assim, tais verbos funcionam como instrumento morfosintático na predicação.

Além disso, uma variedade de acepções e expressões determinadas, derivadas do verbo parece decorrer de um processo histórico de mudança. De fato, Jesus (2014) nos assegura, a partir do enfoque funcionalista do português diacronicamente analisado, que determinadas acepções do verbo tomar e expressões derivadas ou que fazem uso desse signo parece perpassarem por um processo de gramaticalização. Segundo seus estudos, são acepções frequentes e/ou produtivas no português moderno e/ou contemporâneo, tais como: ouvir, registrar (colher), seguir, ter, beber, ocupar, pegar, segurar, investir-se num direito, saber, administrar, casar-se, tornar-se um homem, levar a sério, etc.

No que se refere às expressões cristalizadas tem-se: tomar conhecimento, tomar forma, tomar parte, tomar poder, tomar medidas, tomar decisões, tomar contato, tomar nota, tomar gol, tomar emprestado, tomar providência, tomar a decisão, tomar banho, tomar umas, tomar a cargo, tomar de assalto, tomar partido, tomar posse, tomar em conta, tomar em consideração, tomar conta, tomar a cargo, tomar ao pé da letra, tomar pé, tomar posse, tomar conhecimento, tomar iniciativa, tomar pé, tomar precauções, dentre outras.

A referida autora ressalta que, na condição contemporânea, a maior parte das realizações é de formas gramaticais em relação às lexicais. Atualmente, prepondera seu uso como verbo-suporte, depois como verbo estendido, seguido de

expressão cristalizada e como verbo pleno. Trata-se, portanto, de uma evidência de gramaticalização como verbo-suporte, posto que os estudos:

[...] revelam que o verbo tomar apresenta uma trajetória de gramaticalização e o aumento da frequência de uso gramatical, já identificado na língua portuguesa desde o período arcaico, atestando a expansão gramatical desse item verbal. Comparando a sintaxe das construções com verbo-suporte no português arcaico, português moderno e contemporâneo, podemos concluir que essas construções têm características idênticas. O SN constitui, com o verbo-suporte, o núcleo da estrutura e os argumentos do SN apresentam diversidade. (JESUS, 2014, p. 201-202).

Além disso, a partir da comparação do português arcaico com o contemporâneo, Pante (2012) conclui, em relação às funções de verbo-suporte do signo tomar que:

O emprego do verbo-suporte em detrimento do verbo pleno respectivo aponta para características convergentes: em muitos dos casos analisados, ocorre a detransitivização do verbo e a caracterização do SN que sucede o verbo-suporte. Essas possibilidades, como vimos, não podem ser alcançadas com o emprego dos verbos plenos correspondentes. (PANTE, 2012, p. 13).

Complementando a descrição das autoras supracitadas, Santos (2011) assevera que o verbo tomar além de comportar-se como verbo-suporte, assume, portanto, formas fixas, unidades fraseológicas formando um sentido unitário. Do ponto de vista cognitivo, o verbo porta um caráter radial, como podemos visualizar na figura a seguir, com base na rede radial, nos termos de Santos (2011) para uma das acepções para o verbo:

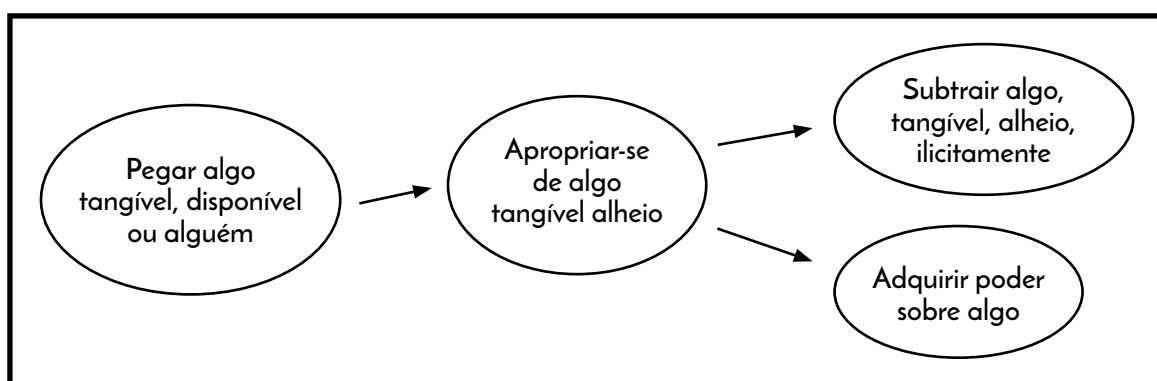


Figura 01: Representação da rede radial. Fonte: Santos (2011)

Em contrapartida aos estudos cognitivo-funcionais, tradicionalmente o verbo tomar é classificado como transitivo direto, reclamando dois complementos, como se atesta nas sequencias (a) Carlos tomou um copo de leite; (b) Ana tomou o vestido vermelho; (c) O mar tomou a enseada norte.

Observando esses dados, podemos descrever o verbo formal-sintaticamente da seguinte forma:

Descrição formal	SN	SV	SN
a.	Carlos	tomou	um copo de leite.
b.	Ana	tomou	o vestido vermelho.
c.	O mar	tomou	a enseada norte.
Descrição Sintática	SUJEITO	V.T.D.	OBJETO DIRETO

Tabela 1: descrição formal-sintática do verbo tomar. Fonte: Elaborado pelo autor

A descrição semântica do verbo tomar é problemática, pois os gramáticos tradicionais apontam apenas papéis de agente e paciente. Contudo, esses papéis não são identificados nas sentenças descritas, afinal “tomar é uma ação que exige um ‘tomador’ (agente) e uma ‘coisa tomada’” (paciente). Analisando os exemplos dados tem-se a configuração abaixo:

Descrição formal	SN1	SV (SENTIDO)	SN2
a.	Carlos	tomou (“ingerir”)	um copo de leite.
b.	Ana	tomou (“pegar”)	o vestido vermelho.
c.	O mar	tomou (“invadir”)	a enseada norte.

Tabela 2: descrição “semântica” do verbo tomar. Fonte: Elaborado pelo autor

Os sintagmas nominais (1), nos exemplos Carlos (a) e Ana (b), correspondem ao papel semântico de agente. Já os sintagmas nominais (2) um copo de leite (a) e um vestido vermelho (b) correspondem ao papel semântico de paciente. Todavia, no exemplo (c) não podemos conferir os mesmos papéis, embora SN2 a orla norte (c) possa ser considerado o paciente, mas o SN1 O mar (3) não pode ser entendido como agente, dado que água não apresenta o traço semântico de +animado, prerrogativa fundamental para a caracterização do papel de agente.

Aqui apresentamos apenas três amostras da variedade de sentidos que esse verbo evoca. Tal descrição poderia estender-se às expressões e acepções cristalizadas (JESUS, 2014). Por conseguinte, uma questão se levanta: como esse verbo alcança tantos sentidos?

As Cenas do Verbo Tomar: uma questão de polissemia e metáfora cognitiva

Como já apontamos e/ou sinalizamos alguns fenômenos modificam o sentido dos signos. No caso do verbo tomar a sua potencialidade significativa se deve à polissemia e à metáfora. De modo que, segundo Lakoff e Johnson (2002) existe uma competência cognitiva do falante e para que este falante-ouvinte empregue ou diferencie os diversos sentidos que uma única palavra pode assumir, a depender do contexto, ele necessita fazer parte de uma comunidade linguística específica, estar integrado numa cultura. Assim, podemos afirmar que somente em um contexto específico pode-se determinar exatamente o significado de uma palavra, mesmo que ambígua, como se verifica a seguir nas sentenças: d. Minha irmã tomou outro rumo na vida; e. Ele tomou a mão de sua amada em casamento.

Pode-se constatar que se estas frases fossem ditas a um estrangeiro, o qual estivesse aprendendo a língua portuguesa, dificilmente seria entendido o sentido do verbo tomar nestes exemplos, tal como nos endossa Bagno (2001):

Muitas vezes um enunciado sintaticamente igual pode ter uma semântica e uma pragmática completamente diferentes se for pronunciado por um brasileiro e se for pronunciado por um português. Embora a língua aparentemente seja a mesma na forma e na organização das palavras, o uso dessas palavras pode ter significados e efeitos diferentes. (BAGNO, 2001, p. 37).

Como se vê, o uso propicia a criatividade linguística. Em outros termos, toda vez que um discurso é iniciado, o receptor transforma as pistas que provem da cadeia da fala, graças ao conhecimento linguístico internalizado nos subcomponentes a nossa capacidade linguística, quais sejam: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Esse aparato cognitivo se manifesta nas cenas de linguagem, nas quais os fenômenos semânticos são determinados por esse conhecimento inconsciente e intuitivo, de forma a atribuir leituras ou interpretações às diversas unidades que integram os componentes linguísticos (MARQUES, 2001, p. 102-103).

Nesse conjunto de habilidades a polissemia surge como valor intrínseco da linguagem, por isso, podemos cognitivamente relacionar e associar sentidos aproximados em molduras comunicativas próximas. Em contrapartida, para responder às indagações apresentadas no início dessa seção, tomamos duas premissas defendidas pela Hipótese Sociocognitiva da Linguagem delineadas por Salomão (1997) e Miranda (2001), respectivamente, quais sejam (i) o princípio da insuficiência do significante linguístico e (ii) o princípio do partilhamento das ações da linguagem, como já esboçado na primeira etapa desse estudo.

A primeira premissa, já delineada, estabelece os signos como guias em meio às cenas de interação comunicativa, não portando um significado único em si mesmo. Observe como o verbo tomar denota outros sentidos que não o significado central “beber alguma coisa”:

(...) Pegar ou segurar em; agarrar, prender; suspender nos braços; apoderar-se de; arrebatado; furtar; conquistar; invadir; preencher; ocupar; consumir (tempo); contratar; seguir (uma direção); receber, aceitar; assumir, adotar; aspirar, sorver; comer; beber, ingerir; ser surpreendido por; deixar-se dominar; impregnar-se (AMORA, 2009, p. 724).

Dessa maneira, o falante-ouvinte age sobre os fenômenos linguísticos e, nesse caso, o verbo tomar constitui-se pista para orientar o sentido pretendido pelo falante. De outro modo, mesmo “aglomerando” tantos significados, o falante-ouvinte selecionará o sentido enquadrado na sequência, ou seja, uma de suas extensões polissêmicas, dando conta da interpretação exigida.

Nosso sistema cognitivo se organiza, por razões de memória, os significantes com sentidos iguais ou aproximados em categorias radiais (o verbo tomar evoca várias cenas: segurar, conquistar, consumir, ingerir, apresentar, subir, levar, ser invadido por, etc.) e ao mesmo tempo é marcado por um exemplo prototípico (no caso do verbo tomar é “ingerir algum líquido”).

No que tange à ação da metáfora cognitiva, Lakoff e Johnson (2002) as definem como orientacionais ou estruturais e, nestas últimas, “um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” (p. 59). Diante disso, entendemos que o verbo tomar é essencialmente metafórico, comportando em si uma ideia de recipiente – uma espécie de dicotomia dentro/fora, uma metáfora interna, melhor dizendo, permite a colocação e a retirada de conceitos sem que haja perda total de seu significado básico/literal. Fauconnier (1997) nos informa, ainda, que a metáfora é um processo destacado e operando cognitivamente realiza a ligação entre conceptualizações e a linguagem. Nesse processo, estão envolvidas as mesclagens, quais sejam as plataformas que organizam e desenvolvem os espaços em que se configuram os conceitos (FAUCONNIER, 1997).

Ilustremos essas questões teóricas com os seguintes exemplos: ao dizermos (f) Alguém tomou um choque, ‘um choque’ é algo que “entrou” nesse alguém, é um sentido que excede as ideias de ingerir, pegar ou ser alvo de uma descarga elétrica, uma vez que o sujeito se torna recipiente (metafórico), ao termo choque chamemos de objeto e o verbo tomou funciona, através desta metáfora intrínseca, como um veículo para esta transferência: o choque foi retirado de algum lugar e posto no sujeito.

Lakoff e Johnson (2002) atestam que existem “várias bases físicas e sociais possíveis para a metáfora. A coerência no âmbito do sistema geral parece motivar em parte a escolha de uma dessas bases em detrimento de outra” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 66). Em outras palavras, atributos da realidade física determinam a criação desses sistemas/modelos metafóricos que passam a ser internalizados nas construções linguísticas, por meio da ideia de uma espacialização. Como se percebe não se trata da metáfora em seu conceito tradicional de figura de linguagem. Nos termos dos referidos autores:

Esses conceitos (...) tem ver com a orientação espacial do tipo para cima – para baixo, dentro – forma, frente – trás (...) essas orientações espaciais surgem do fato de termos os corpos e do fato de eles funcionarem da mesma maneira como funcionam no nosso ambiente físico (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59).

Em síntese, além da polissemia, é a metáfora, na concepção cognitiva posta, que consegue dar conta de explicar essa diversidade de sentidos descrevendo os processos internos que atingem o signo, com base nos usos que fazemos socialmente da linguagem e como a usamos para compreender o mundo. Nesse sentido, as metáforas conceptuais instrumentalizam essa compreensão realizando de maneira concreto-projetiva a interação comunicativa. Além disso, como nos sinaliza Salomão (2009) a questão pragmática é inerente, uma vez que a constituição das metáforas se efetiva por meio de espaços mentais e outros enquadramentos que dependem de sua orientação no mundo, no uso.

Considerações Finais

A escolha desse verbo como objeto de estudo se deu pelo fato de este ser alcançado por fenômenos linguísticos controversos: a polissemia e, de forma surpreendente, uma metáfora. São esses fenômenos, a nosso ver, que possibilitam a esse verbo abarcar sentidos e significados tão variados. O interessante é perceber como esses processos se dão de forma natural e espontânea pelo falante, graças ao aparato cognitivo e sua organização, além dos aspectos culturais e pragmáticos integrados ao processo. Portanto a polissemia e metáfora precisam ser abordadas mais do que figuras de linguagem, mas como operações que atingem o signo ampliando seus usos, guiando a interação e estabelecendo a veiculação de sentidos.

Como afirma Guiraud (1972), “existe, portanto, de um lado, a criação individual, motivada consciente e descontínua; por outro existe a disseminação coletiva, inconsciente e progressiva”. Sob essa ótica, os falantes competentes de uma língua assumem uma função determinante no processo de criação, cristalização de sentidos e homogeneização de usos, num processo cooperativo de construção de significados e representações do mundo, por meio da categorização. Diante do posto, podemos concluir que o gênero humano ao mesclar capacidade cognitiva, valores sociais e culturais produz novos conhecimentos sobre bases dadas. No entanto, o produto novo vem atender às novas necessidades criadas, novos valores e intenções.

A abordagem desse trabalho, ampliada pelos diversos estudos que ancoraram essa atualização, por propiciar subsídios não somente para o tratamento investigativo descritivo e analítico, como também estender-se a outros domínios de estudo, tais como sua aplicação ao âmbito do ensino em complemento à abordagem tradicional dos verbos polissêmicos, da construção de sentidos, do signo linguístico numa visão aplicada da Linguística Cognitiva.

Como pode ser observado e dado as características desse verbo, conforme o explanado nesse trabalho, “tomar” passa a ser mais recorrente, por ser tão polissêmico e cognitivamente metafórico, em situações informais facilitando seu uso, entendimento nas mais variadas cenas comunicativas e mantendo, ainda, sua cristalização como verbo-suporte numa gama de construções recorrentes.

Por fim, entende-se que esses processos cognitivos têm na língua sua principal fonte de evidência e são vivenciados e (re) inventados contínua e culturalmente, dado que os sujeitos interagem entre si, dentro de cenas reais. Nesse contexto, é possível observar, de forma criteriosa, esses fenômenos nas cenas de interação cotidianas que são fontes das transformações linguísticas.

REFERÊNCIAS

- AMORA, A. S. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ARAÚJO, I. L. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BAGNO, M. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 1998.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: University Press, 1997.
- FERRAREZI JR., C. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIM, J. L. (org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUIRAUD, P. *A semântica*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1972.
- JESUS, L. R. *O uso do verbo tomar no português escrito dos séculos XIV, XVII e XX*. 2014. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística) - Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10505/1/2014_tese_lrjesus.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, Educ., 2002.
- LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- MARQUES, M. H. D. *Iniciação à semântica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. In: *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, dev. 5, n. 01, jan/jun, 2001.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PANTE, M. R. O verbo tomar como verbo suporte no português arcaico. *Línguas e letras*, v.13, n. 24, 1. Sem. 2012. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/7328/5387>>. Acesso em: 27 set. 2016.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- PIERCE, C. S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- SALOMÃO, M. M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sóciocognitiva. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte MG: Editora UFMG, 2009.
- _____. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sóciocognitiva sobre a linguagem. *Veredas*. Juiz de Fora, v.1, n. 1. jul./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.ufff.br/revistaveredas/files/2009/12/nova-digitaliza%C3%A7%C3%A3o-artigo-Salom%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2016.
- SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SANTOS, Elisângela Santana Dos. *A polissemia do verbo "tomar" ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*. 2011. Tese (doutorado em Letras. Área de Concentração: Linguística Histórica) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8388>>. Acesso em: 27 set. 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 1969.